

DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO COM O CORPO NA ESCOLA

DUTRA, Valesca da Silva¹; SELAU, Bento²

¹Universidade Federal do Pampa/Pedagogia; ²Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão.
E-mail: valesca.dutra@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A investigação que apresentamos teve como objetivo desenvolver estratégias pedagógicas com alunos dos Anos Iniciais da Educação Básica que puderam servir como reflexão a respeito de possíveis situações que envolvessem a discriminação do corpo pelos estudantes com seus colegas no cotidiano da sala de aula.

Este estudo torna-se importante para que os profissionais da Pedagogia possam ter referenciais a cerca das questões ligadas ao preconceito e discriminação com o corpo entre os estudantes. O preconceito é um problema existente na escola, seja ele com relação a questões ligadas ao corpo, gênero, raça, pessoas com necessidades educacionais especiais, condições socioeconômicas ou outras. Muitas vezes, as discriminações começam na escola, percebidas, segundo Silva et al. (2009, p. 3), “[...] na divisão de grupos, tão marcada no uso de roupas, acessórios e marcas corporais, também no preconceito com pessoas que diferem pela cor, pela raça, pelo corpo magro ou gordo, jovem ou envelhecido”, fazendo parte também os apelidos pejorativos e de mau gosto.

O corpo tornou-se um símbolo social que pode ou não ser aceito pelo meio cultural em que vive. Esta imagem de “corpo ideal” ou “corpo padrão” também é constituída no espaço escolar por crianças. Portanto, é importante pensarmos o corpo como objeto da educação. Para tanto, faz-se necessário que os educadores estejam preparados para enfrentar as mais diversas situações no cotidiano da sala de aula. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) cabe à escola trabalhar questões ligadas à corporeidade, estabelecendo noções de corpo, permitindo refletir sobre a corporeidade humana de forma ampla, trazendo discussões sobre a forma como o corpo vem sendo socialmente utilizado, como vemos e pensamos o corpo.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O método utilizado para o desenvolvimento deste estudo foi à intervenção, esta composta por três processos importantes: a elaboração do projeto de pesquisa, a intervenção pedagógica e avaliação da intervenção.

O método da intervenção é muito parecido com a pesquisa-ação, onde segundo Tripp (2005), muitos professores e pesquisadores desenvolvem atividades a fim de qualificar seu ensino e o aprendizado de seus alunos, buscando mudanças e melhorias em suas práticas. A terminologia intervenção vem sendo utilizada em diversas investigações relacionadas à pesquisa-ação, tais como nas teses doutorais de Peres (2010) e Rochefort (2010), nas quais salientam que o termo intervenção diz respeito à prática realizada com um determinado grupo, dentro de um delimitado espaço de tempo, que visa à reflexão da prática vivenciada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da intervenção pedagógica realizada foi possível perceber o quanto a mídia exerce influência sobre as pessoas no que tange a aspectos relacionados ao corpo e a estética. Em diversas atividades pedagógicas desenvolvidas, a maioria dos alunos idealizou corpos altos, esguios e magros. Inclusive, quando a maioria dos alunos escolheu um corpo diferente do seu: os alunos meninos escolheram um corpo forte e másculo, caracterizando os personagens de super-heróis infantis apresentando corpos “sarados” e musculosos; as meninas escolheram corpos altos, magros, cabelos longos e lisos, caracterizando o corpo das modelos e atrizes colocadas pela mídia como mulheres bonitas. Segundo Silva et al. (2009, p. 2) “o corpo passa a ser muito mais que uma parte orgânica, tornando-se um objeto de busca de prazer, de poder e status. Algo construído e usado socialmente [...]”. Quando questionamos aos alunos sobre os motivos que os levaram a estas escolhas, a resposta da AF-1 (serão preservadas as identidades dos alunos) foi: “escolhi este porque é o corpo de uma modelo magra e chique”. A partir desta resposta debatemos concepções de corpo, estética e mídia. Ainda, segundo Silva (2009, p. 2), jovens e crianças percebem na mídia que possuir um corpo ideal tem suas vantagens na aceitação da sociedade o que se evidencia na fala do AM-4: “escolhi ser esse corpo, porque as pessoas gostam mais de gente assim, bonita”.

Ao final das atividades pode-se perceber que alcançamos os objetivos propostos, com a finalidade de que os alunos deixassem de olhar o corpo como um objeto e passassem a olhar o sujeito dono do corpo o que se confirma na resposta do AM-3 e que merece destaque: “Professora, a gente tem que olhar as pessoas como elas são por dentro né, não importa o jeito que elas são por fora”.

Para que as crianças aprendam a lidar com o preconceito às diferenças, ficou evidenciado que é necessário proporcionar momentos que trabalhem os conceitos relacionados à diversidade. Isso não deve acontecer apenas em datas comemorativas, assim como afirma Torres Santhomé (1995, p. 172): “não podemos cair no equívoco de dedicar um dia do ano à luta contra os preconceitos racistas ou a refletir sobre as formas adotadas pela opressão das mulheres e da infância”.

Observou-se também que a partir do momento em que a criança participa de uma reflexão junto ao pedagogo há uma mudança de atitudes. Os limites de uma pesquisa dessa natureza apontam para a necessidade de continuação desse trabalho, pois as atitudes, crenças e opiniões são passíveis de mudança. A reflexão na escola sobre situações envolvendo o diálogo sobre o “corpo perfeito” deve continuar.

4 CONCLUSÃO

É fundamental que o professor aborde os mais diversos assuntos acerca do preconceito, a fim de provocar com os alunos uma reflexão a respeito. Cabe ao professor, segundo Melo et al. (2008, p. 4) “[...] intervir na formação de valores dos indivíduos, colocando em discussão assuntos como o preconceito racial, étnico, de gênero, relacionado a parâmetros estéticos ou qualquer tipo de diferença entre os mesmos”. A prática realizada oportunizou-nos perceber que a intervenção pedagógica organizada racional e socialmente para os alunos é fundamental para um debate profícuo sobre questões relativas à discriminação e ao preconceito.

A escola é o espaço onde se encontra a maior diversidade cultural, mas, ao mesmo tempo, também, um espaço discriminador. Portanto, trabalhar as diferenças

é uma tarefa que o pedagogo dos Anos Iniciais deve desenvolver juntamente com as demais obrigações pedagógicas. Fica, ainda, a experiência positiva de que as atividades aqui desenvolvidas podem contribuir com o processo de escolarização, de humanização dos estudantes e, possivelmente, das pessoas com as quais se relacionarem.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Estabelece Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 31 ago. 2010.

MELO, Ana Luiza et al. **Educação Física escolar: principais formas de preconceito**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd117/educacao-fisica-escolar-principais-formas-de-preconceito.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

PERES, Fabiane. **O ensino da língua espanhola na educação especial: formação docente e aprendizagem de pessoas com deficiência mental**. Pelotas: UFPel, 2010. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2010.

ROCHEFORT, Renato Siqueira. **Ensinar a ensinar... Aprender para ensinar! A inovação na aula universitária e a aprendizagem na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural**. Pelotas: UFPel, 2010. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2010.

SILVA, Allan et al. **O Corpo Esquecido pela escola**. Disponível em: <http://www.ceamecim.furg.br/4seminario/trabalhos_aprovados.htm> acesso em: 25 ago. 2010.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995, pp.159- 189.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set./dez. 2005.